

# NOÇÕES DE "ESPAÇO" E DE "TEMPO" EM GEOGRAFIA

Elpídio Serra\*

---

## RESUMO:

Definir e explicar "espaço" e "tempo", dentro da escala de valores do pensamento geográfico, sempre foi um dos grandes problemas dos geógrafos, tanto os antigos como os contemporâneos. Apesar da infinidade de tentativas e ensaios, o que se tem, como resultado de todos os esforços empreendidos, é uma coletânea de noções e de concepções do que poderia ser, na prática, o "espaço" e o "tempo" em geografia. Neste trabalho, o objetivo é evidenciar e colocar em discussão algumas dessas noções e concepções.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço e tempo em geografia — teoria relacional — indissolubilidade — materialismo e idealismo — conceituações e modelos

---

## INTRODUÇÃO:

Onde está isso? Quando isso aconteceu?

Indagações envolvendo "onde" e "quando" requerem algum tipo de resposta em que, invariavelmente, o "espaço" (para "onde") e o "tempo" (para "quando") acabam representando o cerne de uma delicada e polêmica questão. Explicar com o auxílio de qualquer dicionário o significado intrínseco de "onde" e de "quando" não é tarefa difícil. A dificuldade está na extensão que cada termo apresenta, respectivamente, em relação aos aspectos espacial e temporal do fato acontecido (o "isso"). De maneira simplória, poder-se-ia separar os termos e incumbir a Geografia de definir o espaço e a História de definir o tempo. No entanto, tal solução não se viabiliza uma vez que, embora conservando certa individualidade, o "tempo" e o "espaço" alimentam um profundo sistema de inter-relações, de reciprocidade, de tal forma que quebrar essas conexões implica num problema maior do que, talvez, está implicando as definições da combinação de forças representada pelos dois termos ou, pelas duas situações. Uma vez juntos, os termos passam a receber os mais variados tratamentos, a nível de interpretação, segundo a concepção das diversas correntes do pensamento geográfico e também do pensamento de outras correntes científicas. Afinal, "tempo" e "espaço" não são propriedades exclusivas da Geografia, mas pertencem também à História, à Economia, à Sociologia, à Filosofia, à Matemática e a muitas outras correntes científicas.

Dito isso, continua a questão: O que é espaço? O que é tempo? Santo Agostinho disse a respeito de tempo: "Se me perguntam se sei o que é, respondo que sim; mas se me pedem para defini-lo, respondo que não sei". O mesmo pode ser dito em relação ao espaço.

---

\* Professor vinculado ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá.

Corrêa (1982) afirma, a respeito de espaço, que "pensar a respeito do espaço depende de quem o pensa. O espaço pode ser pensado como espaço físico, psicológico, social ou geográfico, entre outros. Como geógrafo, gostaria de pensá-lo e discutí-lo como espaço geográfico e neste sentido uma definição inicial seria considerá-lo como a superfície da terra, profundamente diferenciada por processos naturais. Tal superfície constitui-se na morada do homem e sua diferenciação por processos naturais só ganha significado porque é sobre ela que o homem erigiu seu habitat. Desse modo, o conceito de espaço geográfico se enriquece porque nele se introduz o homem com sua história. Mais claramente, o espaço geográfico é definido como sendo a superfície da terra enquanto morada, potencial ou de fato, do homem, sem o qual tal espaço não poderia sequer ser pensado"<sup>1</sup> -

Boundeville (1957) concorda com o fato de que o espaço pode ser pensado de maneiras diferentes, segundo a concepção de quem o pensa. "Geógrafos, economistas, sociólogos, matemáticos e homens de negócio têm freqüentemente, idéias diferentes a respeito do espaço, porque a significação do espaço é diferente para cada qual e é determinada pelas experiências e pelas operações que dão origem à sua definição", afirmando ainda que "o espaço também tem uma conotação emotiva. É, de um lado, o entorno tradicional (environment) da existência humana; por outro lado, se relaciona com as idéias e as técnicas de nossas atividades; e às vezes, constituem o próprio objetivo final do jogo. Seja como contorno, como lei ou como objetivo, somos histórica e logicamente confrontados com o espaço em sua tríplice noção. O espaço foi concebido primeiramente como espaço geográfico, como cerne de geo-política. Em seguida, o conceito de espaço econômico aparece como uma noção menos emotiva e mais "operacional". De fato, os investimentos de capital, as redes de transporte, a indústria, as técnicas agrícolas, criaram um teatro novo com novos materiais e com novas regras. Assim, a concepção econômica e a concepção geográfica de espaço estão em contradição. O geógrafo considera o homem no chamado entorno natural; o economista considera esse entorno em suas relações com as atividades humanas. O espaço geográfico é um espaço tridimensional confrontado com um espaço mais complexo e multidimensional"<sup>2</sup> -

Para Kant, filósofo alemão do século XVIII, o espaço é uma representação necessária *a priori*, servindo de fundamento a todas as percepções exteriores. "O espaço não é mais nada do que a forma de todos os fenômenos, da sua sensibilidade externa, que quer dizer, a concepção subjetiva da sensação, a única que torna possível as representações exteriores". O mesmo filósofo, utilizando-se do termo "verdade", afirmou que "a verdade é relativa ao espaço e ao tempo", voltando novamente a utilizar-se do espaço e do tempo para, dentro do apriorismo que criou, formular a teoria de que "na matéria, as sensações carecem de regra e ordem, e o pensamento então cria a ordem, estabelece relações, ordena-as no espaço e no tempo, numa justa-

posição e numa sucessão”<sup>3</sup>. Esta concepção subjetiva foi corroborada por outros filósofos, contemporâneos de Kant, como Berkeley e Leibniz. Para este último, “tempo e espaço existem apenas relativamente aos objetos. O espaço é o arranjo das coisas que se sucedem”<sup>4</sup>. Lacey (1972) afirma que “foi Leibniz o responsável pela formulação clássica da teoria relacional do espaço”, destacando tal afirmativa do filósofo: “eu sustento ser o espaço algo meramente relativo. . . sustento ser ele uma ordem de coexistência, assim como o tempo é uma ordem de sucessões. Pois o espaço denota, em termos de possibilidade, uma ordem de coisas que existem ao mesmo tempo, consideradas como existentes juntos, sem importar sua maneira de existir. E quando muitas coisas são vistas juntamente percebe-se a ordem das coisas em si”<sup>5</sup>.

Entretanto, deve-se ao físico Albert Einstein a elaboração da relatividade do espaço e do tempo. Segundo Afanasiev (1963), “a chamada teoria espacial da relatividade estabelece a dependência das propriedades espaciais e temporais dos corpos em relação à velocidade de seu movimento. Nas condições de velocidade relativamente pequenas não é possível observar esta dependência, porque a modificação das propriedades espaciais-temporais em escala que se possa verificar praticamente só tem lugar em velocidades próximas à da luz. . . De acordo com a teoria da relatividade, o espaço e o tempo não se modificam isoladamente, mas em ligação indissolúvel um com o outro. Esta ligação é tão estreita que eles formam um todo inseparável, e o tempo assume como que um papel de uma quarta dimensão, em complemento às três dimensões do espaço”<sup>6</sup>.

Tal indissolubilidade de tempo e espaço tem a seguinte abordagem em artigo de Reynaud (1971): “Espaço e tempo são duas noções habitualmente conjuntas. Kant as define uma após outra e as considera todas as duas como categorias a priori do espírito humano, associando-as a duas categorias do domínio do conhecimento; para ele, a história é o relato dos fatos que se sucedem um após outro (*nacheinander*) no tempo, enquanto que a geografia é a apresentação dos fenômenos que se encontram um ao lado do outro (*nebeneinander*) no espaço. Reunidas, estas duas disciplinas compreendem o conjunto de nossas percepções. Não constitui acaso o fato delas estarem tradicionalmente reunidas no ensino. Simples hábito próprio à organização dos estudos na França? Não, porque nos países onde estas duas disciplinas estão separadas e autônomas percebe-se que os historiadores recorrem aos geógrafos para precisar o quadro no qual se desenrolam as atividades humanas e que os geógrafos utilizam a história para melhor compreender o estado das sociedades atuais que estudam. Admitamos o caráter inevitável da associação do tempo e do espaço, da história e da geografia. Mas pode-se dar prioridade do primeiro lugar a uma ou a outra dessas noções: simples problema de escolher a dominante. Se o tempo suplantar o espaço, temos a geohistória; se o espaço suplantar o tempo, temos a geografia “cultural” para o presente e a geografia histórica para o passado”<sup>7</sup>.

Uma infinidade de considerações e conceitos foram estabelecidos desde os primórdios da humanidade, na tentativa de definir tempo e espaço, sempre na

tentativa de encontrar explicações convincentes ou, pelo menos, as mais convincentes possíveis. E, se o "ovo de colombo" não foi ainda encontrado é, justamente, porque nos conceitos, explicações e definições estabelecidas, sempre há o problema da concepção de quem as estabelece.

Lênin, na sua concepção materialista, afirmou que "o espaço e o tempo são formas gerais de ser da matéria", e que "não há nada no mundo além da matéria em movimento e a matéria em movimento não pode mover-se de outro modo a não ser no espaço e no tempo"<sup>8</sup>.

Para Copérnico, Giordano Bruno e mais tarde para Galileu Galilei, o espaço e o tempo eram formas absolutas de ser da matéria, indissolivelmente ligadas portanto a seu movimento.<sup>9</sup>

Para Descartes, o espacial e o corpóreo coincidem. A manifestação única é fundamental da essência do espaço é a extensão que se constitui em expressão da propriedade comum a todos os corpos.<sup>10</sup>

Sviderski, sobre a definição de Newton, afirmou: "A essência do espaço é imaginada em forma de um receptáculo ilimitado, com volume que se identifica com o vazio; o espaço aparece como algo completamente homogêneo em suas partes e direções, o que vale dizer, homogêneo e isotrópico. A natureza isotrópica significa para Newton a identidade das propriedades geométricas do espaço em todas as direções, enquanto que a homogeneidade indica a identidade dessas propriedades em todos os pontos. O reconhecimento de que o espaço é isotrópico e homogêneo acha-se indissolivelmente ligado às leis fundamentais da mecânica, formulada por Newton"<sup>11</sup>.

Para Berkeley, "o tempo não é nada em si mesmo se o separarmos da sucessão das idéias em nosso espírito"<sup>12</sup> -

Correntes idealistas e materialistas, como se observa, digladiaram e continuam digladiando, cada qual na tentativa de encontrar ou de conceber a melhor explicação para espaço e tempo. Entre os materialistas, Newton, que via no espaço e no tempo apenas a extensão e a duração puras; Engels, que na introdução de sua "Dialética da Natureza" afirmou que "ser no espaço significa aparecer na forma consecutiva, um depois do outro"; Lênin que disse que "o universo não é senão matéria em movimento, e esta matéria em movimento não pode movimentar-se senão no espaço e no tempo". Entre os idealistas, que consideram o espaço e o tempo como formas subjetivas da percepção e cuja característica de pensamento tem sido a negação da realidade objetiva do espaço e do tempo como forma de existência da matéria, destacam-se: Emanuel Kant - afirmou que espaço e tempo são "duas formas puras, claras, de representação sensitiva, como princípios do conhecimento a priori", considerando, pois, tempo e espaço como forma apriorística da percepção sensorial; Godofredo Wilhelm Leibniz - afirmou que o espaço e tempo nada mais são do que formas peculiares da manifestação da essência espiritual das mônadas (substância simples ativa, indivisível, de que todos os corpos são feitos) e portanto, não se pode aplicar os indícios da objetividade do ponto de vista material<sup>13</sup> -

Como se observa, a teoria do espaço e do tempo desenvolveu-se no contexto da luta entre o materialismo e o idealismo e tem sido o objeto da preocupação de representantes, vestidos de uma ou de outra concepção, dos mais variados segmentos do pensamento científico ou não-científico. Desde Platão e Aristóteles até os dias atuais, com Milton Santos, Christofolletti, Armando Correa, Ruy Moreira, Ariovaldo Umbelino e tantos outros, o tema tem sido dissecado sem que haja um ponto comum entre os pensadores. A propósito, ou à guisa de justificativa, vale, aqui, transcrever o que disse Harvey (1969): "os conceitos de espaço estão baseados na experiência e variam de um contexto cultural para outro, e dentro das configurações culturais mais amplas subgrupos menores podem desenvolver um aparato conceitual particular em relação ao espaço, dado o papel particular que desempenha na sociedade".<sup>14</sup>

## **ESPAÇO-MORADA DO HOMEM. TIPOS E CARACTERÍSTICAS**

Da prática humana emergem três modos como o espaço-morada do homem tem sido conceituado e assim considerado pelos geógrafos: espaço absoluto, espaço relativo e espaço relacional.

Segundo Milton Santos (1982), o espaço absoluto é "uma coisa em si mesma, sendo independente de qualquer coisa, constituindo-se no receptáculo que contém as coisas"<sup>15</sup>. O uso do conceito de espaço absoluto tem suas origens no pensamento de Kant influenciado por Newton e dele chegou a Humboldt, Hetter, e a Hartshorne. O conceito de espaço absoluto, como indica Harvey, aparece associado às idéias de áreas ou região e de unicidade e, assim, associado à geografia regional proposta por Hartshorne. Esta associação é evidenciada quando Harvey afirma que "a área, em si mesma, está relacionada aos fenômenos dentro dela somente naquilo que ela os contém em tais e tais localizações" e que "nenhuma lei universal precisa ser considerada outra que a lei geral da geografia de que todas suas áreas são únicas"<sup>16</sup>.

O espaço relativo é entendido a partir de "relacionamentos entre objetos", sendo que este espaço "só existe porque os objetos existem e se relacionam mutuamente". Assim sendo, "o movimento de pessoas, bens e serviços e informações verifica-se em um espaço relativo porque custa dinheiro, tempo e energia para se vencer a fricção da distância"<sup>17</sup>. Santos (1982) afirma que, "desse modo, dois hectares de terras localizados no distrito central de negócios de uma metrópole possui um valor maior que um terreno de mesma área, porém, localizado na periferia, cujo valor é afetado pelos custos de transportes para se alcançar o distrito central de negócios, principal foco de atividades da metrópole;" sendo que o "conceito de espaço relativo e o conceito de distância tem sido fundamental para as ciências interessadas em questões espaciais"<sup>18</sup>. Na Geografia, o conceito de espaço relativo, medido em termos de dificuldades, custo, oportunidades e interação social é evocado na chamada "revolução teórica e quantitativa".

O espaço relacional é entendido “no sentido de que um objeto somente pode existir na medida em que ele contenha e represente dentro de si relações com outros objetos”<sup>19</sup>. Assim, segundo Santos (1982), “dois hectares de terras em um bairro aristocrático valem mais do que dois hectares de terras em um bairro proletário porque, no primeiro caso, a parcela em questão contém e representa relações com parcelas vizinhas, de alto valor, o qual é fornecido, em última instância, pelo conteúdo social do bairro. Do mesmo modo, cem hectares de terras em uma região fértil valem mais que cem hectares localizados em uma região pedologicamente pobre, todos os demais aspectos mantidos constantes”<sup>20</sup>.

O relativismo espaço-tempo tem, em Marx (1970) a seguinte interpretação: “uma via férrea que liga o local de produção com um empório do interior, pode aumentar absoluta ou relativamente a distância de uma localidade geograficamente mais próxima mas que não dispõe de estradas de ferro, tornando-se, por comparação, esse empório mais afastado; do mesmo modo, em virtude das mesmas circunstâncias pode modificar-se a distância relativa dos locais de produção aos grandes mercados de consumo, o que explica a decadência dos velhos centros de produção e o aparecimento de novos ao mudarem os meios de transportes e de comunicação (. . .). Ao desenvolverem-se os meios de transporte, aumenta a velocidade do movimento no espaço e assim reduz-se no tempo a distância geográfica”<sup>21</sup>.

Uma caracterização essencialmente materialista de espaço e de tempo é a que conceitua o tempo como sendo dotado de apenas uma dimensão, ou seja, os corpos só podem mover-se em uma única direção, do passado para o futuro, enquanto que o espaço, como forma de ser da matéria, tem seu caráter tridimensional, ou seja, todo corpo material possuindo três dimensões – comprimento, altura e largura – e podendo mover-se em três direções reciprocamente perpendiculares. Diante disso, uma vez os corpos somente podendo mover-se do passado para o futuro, o tempo adquire o caráter da irreversibilidade, pois flui apenas para diante, o que torna impossível voltar ao passado.

Corrêa (1982) concebe a seguinte caracterização e a seguinte classificação para espaço: o espaço da prática, espaço da técnica, espaço da pesquisa, espaço da ciência, espaço do trabalho intelectual e espaço das opções possíveis, destacando, paralelamente, o espaço da Geografia.

Por espaço da prática entende “o fluxo do cotidiano, no aqui e agora, que gera a consciência da imediaticidade”. . . A prática é, então, o saber sensível que se realiza com a rapidez da objetividade, destituída “da preocupação com a reflexão”. Para ele, “o viver é um sobreviver que não pode deter-se para a reflexão demorada”, daí a praticidade.

Por espaço da técnica, afirma: “o espaço da técnica é uma decorrência da tomada de consciência do saber prático. Ele implica a codificação e formalização do empirismo”. . . O aprender fazendo e o fazer aprendendo são substituídos pelas instruções, que devem ser seguidas em sua lógica sistematizada”.

Quanto ao espaço da pesquisa, afirma que este “ultrapassa o espaço espontâneo da sobrevivência e o espaço codificado da técnica. Ele implica algum modo de relacionamento do racionalismo e empirismo. Por isso, o saber da pesquisa implica a imaginação ordenada e o fazer metódico. O método do fazer técnico é substituído pelos passos da investigação analítica: da hipótese à observação, desta à análise e desta à generalização”, sendo que este espaço aumenta “o controle humano sobre a natureza e a sociedade, determinando uma hierarquia no acesso do conhecimento”.

O espaço da ciência está relacionado ao fato de que “a ciência é, em grande parte, um modo de pensar o mundo para além das aparências. Então, o espaço da ciência apresenta a característica de ultrapassar o relacionamento racionalismo – empirismo. . . As operações do saber científico são operações mentais de caráter ontológico analítico”.

No espaço do trabalho intelectual, “o saber é, antes de tudo, trabalho que produz e reproduz. Mas não pode fazê-lo sem a prática, a pesquisa e a ciência”.

No espaço das opções possíveis, “elas se apresentam em várias escalas que se entrecruzam na determinação dos espaços da vida individual e coletiva”.

Quanto ao espaço da geografia, afirma Corrêa: “o espaço da geografia é o seu próprio espaço interno, como espaço da natureza e espaço da sociedade”<sup>2 2</sup>.

## ESPAÇO E TEMPO – CONCEITUAÇÕES E MODELOS

Em uma sociedade integrada economicamente através de mecanismos de mercado, os diferentes modos de se conceitualizar o espaço resultam na prática humana centralizada sobretudo na sua apropriação socialmente seletiva, de onde se obtém uma renda entendida como “uma parte do valor de troca que é retirada pelo proprietário da terra” e que varia de acordo com: a) - dimensão do espaço que somente pode ser pensada em termos de dimensão da propriedade (espaço absoluto) que possibilita a extração da renda absoluta ou, no dizer de Harvey, renda de monopólio de classe; b) - localização relativa, estruturada por custos de transporte, de onde se extrai do espaço relativo renda diferencial ou renda locacional; c) - conteúdo do espaço, como fertilidade, amenidades e prestígio, produzidos natural ou socialmente, que lhe confere o caráter de espaço relacional de onde se extrai a renda de monopólio<sup>2 3</sup>.

Citando a dialética marxista, Moraes e Costa complementam as colocações acima descritas, chamando a atenção para “a necessidade de distinção entre valor no espaço e valor do espaço. No primeiro caso, nos referimos ao valor criado pelo trabalho, em que o espaço é o receptáculo da produção material. Esta relaciona-se com os lugares, apropriando-se basicamente de sua extensão e de seus limites. O espaço aparecerá no custo final dos produtos apenas como preço areolar das terras. A variação do trabalho acumulado sobre as áreas define o valor real. A produção instala-se no espaço valorizando neste a localização e a distância. Trata-se de um valor criado”. Enquanto isso, “a renda absoluta seria uma expressão do valor do espaço, o próprio capital-

terra. O preço da terra relativiza-se no processo histórico de construção sobre e do espaço<sup>24</sup>.

Dentro desta mesma linha de raciocínio, Hugerstrand concebeu o seu "modelo têmporo-geográfico da sociedade", preocupado com o "problema básico do futuro", ou seja, "como a sociedade deveria estar organizada e como qualquer padrão de povoamento deveria estar estruturado a fim de propiciar uma existência diária "habitável" para o indivíduo". A questão que lançou, para embasar esta preocupação: "considerando as restrições de tempo sobre os movimentos humanos e o fato de que toda atividade humana econômica ou não é consumidora de espaço, como o sistema das atividades humanas deveria ser espacialmente organizado a fim de providenciar "substância" àquela porção de cada ambiente individual, que fica externada ao domínio da aquisição da renda?"

Diante disso, Hugerstrand concebe uma estrutura ambiental (água, alimentos, informações, lazer, oportunidades de trabalho, etc.) necessária para satisfazer necessidades e desejos e que apresentam-se desigualmente distribuídas no tempo e no espaço. Daí concluiu que os movimentos têmporo-espaciais de qualquer indivíduo frente a tal estrutura ambiental podem ser descritos graficamente, comprimindo o espaço a uma superfície bidimensional e representando o tempo ao longo de um eixo vertical. "Assim, para ganhar a vida e preencher as suas necessidades e desejos de conhecimento, sociais e de recreação, cada indivíduo tateia por uma trajetória individual, que começa com o nascimento e termina com a morte"<sup>25</sup>.

Alan Pred (1982), sobre tal estrutura ambiental, afirma que "o ambiente com o qual a "trajetória individual entra em contato pode ser dividido em dois componentes essenciais". Primeiro, há o espaço geográfico que uma pessoa pode atingir dentro de um único dia e ainda retornar ao seu ponto de partida residencial. Este "ambiente de vida diária" tem "teoricamente um limite exterior determinável, cuja localização depende da capacidade e da disponibilidade dos meios de transporte para levar e trazer o indivíduo dentro de determinado intervalo temporal". O segundo componente abrange aqueles lugares nos quais o indivíduo possivelmente escolheria para morar, por longos períodos de sua vida. Em contraste, este ambiente da perspectiva de vida não tem "limites externos inevitáveis".

Afirma ainda que "embora algumas necessidades sigam um ritmo mais ou menos repetido (. . .) muitas necessidades e desejos são individuais e a sua satisfação usualmente requer movimento de uma estação para outra", sendo que tal liberdade de movimento geralmente "é limitada por várias restrições", que são classificadas em três categorias gerais: restrições de habilidade (exemplo: "devido à necessidade de dormir, a vida diária do indivíduo é restrita a uma ilha consistindo em área dentro da qual pode viajar e ainda ter tempo para retornar à sua casa sem pernoitar em outros lugares); restrições de união (exemplo: quando e quanto o indivíduo tem de juntar-se a outros indivíduos, instrumentos e materiais a fim de produzir, consumir e transacionar); e restrições de autoridade (uma entidade têmporo-espacial dentro da qual

as coisas e os eventos estão sob o controle de determinado indivíduo ou de determinado grupo).

Uma série de outras estruturas, classificações e conceituações de espaço existem e são defendidas pelos seus pensadores. Maximilien Sorre (1961) qualificou de "espaço derivado", aquele localizado em país subdesenvolvido, que se organiza em função de um país industrializado distante. "Pelo fato de serem derivados, estes espaços se organizam e se reorganizam em relação a interesses distantes: sua organização é função de necessidades exógenas e depende de parâmetros importados, tomados de empréstimo aos sistemas representativos desses interesses distantes"<sup>26</sup>.

Além de derivado, o espaço também pode ser periférico. "Não o é somente no sentido consagrado, isto é, pelo fato de representar uma "periferia" em relação a um centro situado numa região mais desenvolvida, mas porque ele é geograficamente ou geometricamente periférico. Com efeito, o centro do país, a região polar, é raramente central. Casos como o da Etiópia ou de Madagascar são muito raros. Nestes dois casos, como em alguns outros, o centro econômico do país, bem como seu centro político, são igualmente o centro geométrico e geográfico, pelo fato de haver uma coincidência entre as condições, devidas ao passado, que determinaram um lugar central para as zonas politicamente polares e as zonas susceptíveis de responder as demandas posteriores vindas do estrangeiro. Isso quer dizer que a primeira "periferia" se situou no centro. . ."<sup>27</sup>

Existem, ainda, espaços "aberto", "seletivo", "incompletamente organizado", "fracionado", "não-integrado", "diferenciado" e mais alguns outros. Algumas características básicas desses espaços:

**Aberto** - espaço ainda aberto e pronto para ser conquistado. Representam as fronteiras agrícolas em fase de conquista.

**Seletivo** - espaço que apresenta uma seletividade nas atividades internas em relação a espaços semelhantes devido, em alguns casos, a problemas ou a fatores de clima, solo ou étnicos. Um exemplo típico: o Nordeste brasileiro em relação às demais regiões.

**Espaço incompletamente organizado** - espaço fracionado em termos de ocupação e de estruturação, marcado por descontinuidades.

**Espaço não-integrado** - espaço onde a não-integração, ou a integração incompleta, é uma das causas da tendência às migrações das zonas rurais atrasadas rumo às zonas rurais modernas ou às regiões pioneiras, tanto quanto do êxodo rural.

**Espaço diferenciado** - as mesmas razões que fazem com que o espaço subdesenvolvido seja um espaço instável, fazem com que ele seja igualmente um espaço diferenciado.

## **ESPAÇO "DESENVOLVIDO" E ESPAÇO "SUBDESENVOLVIDO"**

Os tipos de espaço acima relacionados estão, basicamente, relacionados ao subdesenvolvimento. E, neste caso, se encaixam estas indagações formuladas por

Milton Santos (1978): "Pode-se falar de uma especificidade do espaço dos países subdesenvolvidos? Isso não pareceria uma tentativa artificial de discriminação? Com efeito, o espaço, seja ele qual for, não é uma realidade global que seria necessário apreender enquanto tal?"<sup>28</sup>. E justifica que "não se trata aqui de negar o caráter global do estudo do espaço, (. . .) mas de distinguir, num nível inferior de generalidade, o espaço dos países desenvolvidos e o espaço dos países subdesenvolvidos". Ademais, "Kayser nos lembra que as porções do espaço definidas nos países subdesenvolvidos pelo planificador como regiões, não respondem em nada aos critérios estabelecidos para a definição desse conceito nos países industriais", explicando que "de fato, os componentes do espaço são os mesmos. É a sua quantidade e a sua qualidade que variam de lugar para outro. O erro do método que opõe como realidades antagônicas a cidade e o campo tem a mesma filiação do que opõe, de maneira absoluta, um espaço "desenvolvido" e um espaço "subdesenvolvido".

O mesmo Milton (1980), sobre o mesmo problema, volta a interpretar que "o espaço subdesenvolvido tem um caráter específico; as prioridades de importância variam, mesmo quando operam as mesmas forças, já que suas combinações e resultados são diferentes. É algo que os geógrafos ocidentais têm tido grande dificuldade em entender". E explica: "Sem dúvida, aquelas variáveis formadoras do espaço e suas combinações, as quais originam as diferenças entre lugares, são universalmente as mesmas. O problema é descobrir se essas combinações se manifestam espacialmente e se sua manifestação é a mesma no centro e na periferia do sistema mundial. Nesse sentido, pelo menos três aspectos são essenciais: 1) - aquelas forças que promovem a modernização e que operam no centro do sistema não alcançam a periferia ao mesmo tempo; existe um efeito decrescente definido da distância. Isso poderia explicar historicamente a acumulação do capital no sistema capitalista, as variações entre países e as desigualdades regionais dentro dos países; 2) - alguns pontos do espaço são alcançados por novas forças, enquanto outros não recebem tais impactos. Sem dúvida, esses impactos não se dão ao acaso, sendo dirigidos do centro do sistema em termos de máxima produtividade. A história do espaço é assim do tipo seletiva; 3) - as forças emitidas do centro (polo) mudam à medida que alcançam a periferia. Ainda que se possa encontrar isomorfismo, o valor do fenômeno é diferente"<sup>29</sup> -

Ariovaldo (1982) justifica tais desigualdades, afirmando que "o modo capitalista de produção e também o modo capitalista de pensar" é que "tem colocado a questão do espaço e do tempo consentâneo com as próprias condições reais deste modo de produção"<sup>30</sup>.

## O ESPAÇO DA GEOGRAFIA E O ESPAÇO DAS OUTRAS CIÊNCIAS

Por que as distribuições espaciais são estruturadas dessa maneira?

Esta pergunta, formulada por Adams (1980), com sua riqueza de implicações e elaborações é a base da Geografia. "Como as distribuições espaciais são básicas da Geografia, devemos definir o conceito e a idéia relacionada com o processo espacial

de uma maneira mais precisa. A distribuição é a frequência com que algo ocorre no espaço”<sup>31</sup>.

Da mesma forma, ou com algumas alterações estruturais, a questão pode ser básica para outros ramos do pensamento científico.

Monteiro (1980) afirmou que “o conjunto de problemas relativo ao espaço-tempo será de grande importância para a elaboração de modelos, o que está sendo perseguido não só pela Geografia, como por vários outros (senão a grande maioria) campos de investigação”<sup>31</sup>.

Hartshorne (1978) vai mais além: “nenhum estudioso competente da metodologia da Geografia jamais advogou um conceito estático ou deixou de reconhecer que a dimensão do tempo há de estar sempre presente. É necessário, porém, distinguir de maneira clara as várias maneiras em que o tempo interessa ao estudo da geografia do presente”, ou seja, “a geografia do ser e do vir a ser”. Sobre a importância da história para a geografia, afirmou: “os geógrafos estudam o passado não só como “chave do presente”, mas também em função de seu próprio conteúdo geográfico. Cada período passado possui a sua geografia “presente” e o estudo comparativo das diferentes geografias através de sucessivos períodos de tempo oferecem um quadro da geografia em mudança, de uma determinada área. Desse modo, a dimensão histórica do tempo se combina com as dimensões do espaço”. Ponderou, contudo, que “a geografia diz respeito às áreas tais quais hoje se apresentam, ao passo que a história se preocupa com diferenças ocorridas no tempo”. Para ser mais explícito: “mudanças ocorridas no transcurso do tempo concernem à história; diferenças que se verificam de lugar a lugar, à Geografia”<sup>32</sup>.

Outro geógrafo a se preocupar com o relacionamento geografia-história, envolvendo espaço e tempo, é Ruy Moreira (1982). Diz ele que “a história dos homens é a história da transformação permanente e continuamente acumulativa da natureza em sociedade (. . .) A primeira natureza define-se como uma totalidade estruturada de elementos naturais, conformadora de um espaço físico. Sua incorporação pela história humana converte-se em uma totalidade estruturada sob determinações sociais, conformadora de um espaço social, o espaço geográfico concreto”<sup>33</sup>.

Santos (1978) se preocupou em correlacionar o que é geografia e o que é economia, em torno do espaço e do tempo, ou o que interessa para uma e o que interessa para outra corrente científica. “Há geógrafos que criticam as definições de certos economistas, para os quais o espaço não seria outra coisa senão uma porção da superfície terrestre definida pelos fluxos que a sulcam. Assim, os espaços econômicos “definindo-se pelas relações econômicas entre elementos econômicos”, nada mais seriam do que o conjunto de pontos emissores e de pontos receptores de fluxos, os quais constituíram o seu esqueleto, que é, por definição, neutro”. Repetindo Bernard Kayser, afirma Santos: “o espaço econômico (. . .) constitui um espaço abstrato, do tipo daqueles que os matemáticos modernos identificam como um conjunto de relações abstratas” (Kayser, B. “Dictionnaire Géographique”. P.U.F., Paris, 1970). Portan-

to, o espaço econômico opor-se-ia ao espaço banal, que deveria interessar a todo mundo e se definiria por "relações geonômicas entre pontos, linhas, superfícies e volumes", nas quais os homens e os grupos humanos, os objetos e os grupos de objetos economicamente caracterizados encontram o seu "lugar", quer dizer, "o espaço geográfico". Assim, "os espaços ditos geográfico e econômico seriam definidos pela dosagem de tempos, isto é, de ritmos de deslocamentos (. . .) tempo que não seria nada mais do que uma datação e uma escala cronológica de eventos ou de realizações materiais". Na realidade, "o espaço integra todos esses tempos (geográfico, econômico, sociológico. . .) fornecendo-lhes uma base concreta, ela própria constituindo o objeto de uma história. Sua originalidade nasce exatamente de que as combinações de tempos particulares são fortemente marcadas pelo dado geográfico, onde todos esses "tempos teóricos" se integram para dar lugar a uma espécie de "tempo real", à dimensão tanto histórica quanto geográfica, econômica, sociológica e política"<sup>34</sup>.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. CORRÊA, Roberto Lobato. "O Espaço Geográfico: Algumas Considerações", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. Hucitec, São Paulo, 1982, p. 25.
2. BOUDEVILLE, J. R. "Problems of Regional Economic Planning". University Press, Edinburgh, 1957.
- 3.4. HESSEN, J. "Teoria do Conhecimento". Texto xerocopiado, 1980.
5. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. "Espaço e tempo. Compreensão materialista dialética", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**, p. 77.
6. AFANASIEV, V. G. "Filosofia Marxista", Editorial Vitória Limitada, Rio de Janeiro, 1963.
7. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. "Espaço e Tempo. Compreensão materialista dialética", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**, p. 78.
8. ----- . "Espaço e Tempo. Compreensão materialista dialética", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. Hucitec, São Paulo, 1982, p. 67.
9. ----- . "Espaço e Tempo. Compreensão materialista dialética", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. Hucitec, São Paulo, 1982, p. 74.

10. 11. 12. 13.

-----, "Espaço e Tempo. Compreensão materialista dialética", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**, Hucitec, São Paulo, 1982, pp. 74-77.

14. HARVEY, D. "Explanation in Geography". Edward Arnold, Londres, 1969, pp. 192-194.

15. 16. 17. 18. 19. 20.

CORRÊA, Roberto Lobato. "O Espaço Geográfico: Algumas Considerações", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**, Hucitec, São Paulo, 1982, pp. 25-49.

21. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. "Espaço e Tempo. Compreensão materialista dialética", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**, Hucitec, São Paulo, 1982, p. 67.

22. SILVA, Armando Corrêa da. "Contribuição à Crítica da Crise da Geografia", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**, Hucitec, 1982, São Paulo, pp. 13-24.

23. HARVEY, D. "Social Justice and the City". Edward Arnold, Londres, 1970, p. 190.

24. MORAES, Antonio Carlos Robert e COSTA, W. Messias. "A Geografia e o Processo de Valorização do Espaço", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**, Hucitec, São Paulo, 1982, p. 122.

25. CHRISTOFOLETTI, Antonio. "O Modelo Têmporo-Geográfico da Sociedade, de Hagerstrand", **Perspectivas da Geografia**. Difel, São Paulo, 1982, pp. 299-317

26. 27. 28.

SANTOS, Milton. "O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo". Hucitec, São Paulo, 1978, pp. 103-110.

29. -----, "Geografia, Marxismo e Subdesenvolvimento", in **Reflexões sobre a Geografia**. Edições AGB, São Paulo, 1980, pp. 81-96.

30. SANTOS, Milton. "Por uma Geografia Nova". Hucitec-Edusp, São Paulo, 1978, pp. 113-122.

31. MONTEIRO, Carlos A. de Figueiredo. "A Geografia no Brasil. (1934-1977) Avaliação e Tendências". Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, São Paulo, 1980, p. 109.

32. HARTSHORNE, Richard. "Propósitos e Natureza da Geografia". Hucitec-Edusp, São Paulo, 1978, pp. 89-113.
33. MOREIRA, Ruy. "Repensando a Geografia", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. Hucitec, São Paulo, 1982, p. 36.
34. SANTOS, Milton. "O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo". Hucitec, São Paulo, 1978, pp. 61-65.
35. SILVA, Amanda Côtes de. "Contribuição à Teoria da Geografia", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**, Hucitec, 1982, São Paulo, pp. 12-24.
36. HARVEY, D. "Social Justice and the City", Edward Arnold, London, 1970, p. 190.
37. MORAES, Antonio Carlos Roberto Costa W. Messias. "A Geografia e a Teoria do Espaço", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**, Hucitec, São Paulo, 1982, p. 152.
38. CHRISTOFRETTI, Antonio. "O Modelo Teórico-Geográfico de Sauer", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**, Hucitec, São Paulo, 1982, pp. 109-110.
39. SANTOS, Milton. "O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo", Hucitec, São Paulo, 1978, pp. 61-65.
40. SANTOS, Milton. "Geografia, Marxismo e Desenvolvimento", in **Revista Brasileira de Geografia**, vol. 38, São Paulo, 1986, pp. 81-96.
41. SANTOS, Milton. "Por uma Geografia Nova", Hucitec-Edusp, São Paulo, 1978, pp. 113-121.
42. MONTEIRO, Celso A. de Aguiar. "A Geografia no Brasil", in **Novos Rumos da Geografia Brasileira**, Hucitec, São Paulo, 1982, p. 106.